

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM METODOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA
LITERATURA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

PALESTRA PROVOCATIVA
REDE INTERATIVA DE SIGNIFICADO

Diz o poeta: "Só quem é bem feliz é que sabe agradecer" e, como hoje estou feliz pela honra e pela responsabilidade de iniciar este curso que propõe, tão belamente, o tema: "Um novo olhar sobre o Ensino da língua e da literatura", quero, emocionalmente, agradecer à Professora Sandra o convite para compor a teia de relações que será, aqui, construída no caminhar, até o ano 2000.

Gostaria de dizer, também, que estar aqui é para mim uma questão de tempo-lugar, lembrando Meleau-Ponty, de lugar, não só determinado geograficamente, mas lugar como espaço antropológico-espaço existencial de experiências de múltiplas relações, que se (re) ligarão durante este Curso de Especialização e de tempo, como momento de nossas histórias, histórias de professores-profissionais que estão sempre buscando desafiar o desconhecido, como quer Edgar Morin.

Permito-me ler o texto "Desafiando o desconhecido" em sinergia, enquanto cooperação, convergência de energias, colaboração entre pessoas que colocam em comum suas diferenças e suas qualidades para a consecução do bem comum planetário.

Apostar no improvável, no impossível, viver e pensar de forma diferente, é inseparável, na minha compreensão, de uma nova maneira de olhar o mundo, de falar o mundo - olhar o mundo com um olhar utópico, crítico, provocativo, de outros jeitos, pela trama do avesso, talvez! Eis o meu convite para a (re) construção do olhar educativo - como Pedagoga.

Na proximidade do III Milênio, as janelas abrem-se ao novo século, como olhares de prazer, prazer pelo agrado de buscar, pois a busca é infinita e não de encontrar, pois o encontro é limitado

novo século, como olhares de prazer, prazer pelo agrado de buscar, pois a busca é infinita e não de encontrar, pois o encontro é limitado.

Temos convivido com o olhar totalizante, construído na modernidade (1900-1950) e baseado no desejo das certezas absolutas, da igualdade, da competitividade, do pensamento linear, do consenso, da unicidade, do fechamento, todas crenças arraigadas em nós como prisões - séculos de fé brutal em que tudo pode ser conhecido, conquistado, controlado. Crença no dualismo: "Isto ou aquilo".

Mas hoje, em tempos pós-modernos ou neo-modernos (pós-modernidade ou neo-modernidade) quando o cotidiano é programado pela "Tecnociência" e vivemos a "Era da

Informática”, do “Simulacro”, enquanto mundo hiper- real, super recriado pelos signos, nos questionamos: - Estamos em período de decadência ou renascimento cultural?

Por isso o meu convite, neste momento, para abirmos os olhos, como janelas, numa atitude de curiosidade e espanto frente ao desconhecido e, olhar o mundo de outros ângulos:

- olhar a diversidade do significado e do sentido das coisas;
- olhar a multiplicidade dos sujeitos, das vozes e dos olhares sobre o mundo;
- olhar o recorrente, o peculiar, os detalhes; pois sempre aparecem coisas novas

para se levar em conta;

- olhar a diferença;
- olhar sob outra lógica.

Com um novo olhar vigilante, olhar de abertura, desprendido de qualquer certeza.

As teorias são transitórias, são modos de olhar para o mundo e não uma forma de conhecimento como ele é na realidade. Temos teorias transitórias, significando aproximações sucessivas, progressivas do conhecimento e não a verdade absoluta e final.

Temos, sim, incertezas, indeterminação, pois não conhecemos do real senão o que nele introduzimos.

“Isto e aquilo”, sim, como dualidade, para podermos conviver com a tranquilidade e com o movimento do real e entendermos a tensão contínua do olhar, pois quanto mais observarmos a natureza, mais teremos problemas e inseguranças, porém, estaremos sensibilizados para o incompleto, para as incertezas, para o múltiplo, para o pequeno, para a diferença.

Vamos fazer, aqui, um recorte para falarmos da Pedagogia da Diferença.

Quando mergulhei em Lefebvre, encontrei-me dialética com o desejo de romper com a lógica dual, com a polaridade, com a dicotomia, com a unilateralidade, com o fechamento, com o finito, com o absoluto - características de nosso tempo e, dialeticamente, reporte-me aos filósofos chineses que viam a realidade TAO - o caminho- como um processo cósmico de contínuo fluxo e mudanças, cujos fenômenos são intrinsecamente dinâmicos.

Na concepção chinesa, a manifestação de TAO é gerada dos dois pólos arquetípicos Yin e Yang.

Historicamente, tem havido fortalecimento de um pólo sobre o outro, sustentados por sistemas, talvez de dominação e poder (CAPRA).

Trouxe isto para a educação e lembro que em relação ao processo escolar, arranjam-se as prioridades de valores em pares binários, pares de oposição.

E tal como Yin e Yang, a inversão na flutuação dos pares tem ocorrido historicamente, dadas as diferentes abordagens, que como paradigmas, têm colocado o termo valorizado em primeiro plano, em detrimento do segundo, numa lógica binária.

Ouso, então, pensar uma outra lógica - a lógica da tríade, a partir de Vygotski (modelo de dupla estimulação) no sentido da mediação como terceiro termo constitutivo da relação, numa lógica com possibilidades de abertura em ímpares, abertos em relações múltiplas, plurais.

Assim, passo a entender a subjetividade numa relação dialética com a objetividade da qual provém, dando sentido à ação humana, como relação sujeito-objeto na busca do conhecimento pela atividade, que é de natureza social, não como relação binária, com ênfase em um ou outro, mas mediada pelo outro através da linguagem (linguagens) num fluxo de constantes trocas.

Tendo como decorrência a mobilidade de fronteira entre o eu e o outro, relações de movimento cujo resultante é o sujeito interativo e dialógico.

Penso aproximar ensino de aprendizagem como "ensinagem" sem hífen (quando se perde a noção de composto, aglutina-se) mantendo as especificações opostas e encontrando na interface o processo de significação - mediador - numa dimensão interlocutiva, como princípio básico da ensinagem.

Num processo, cultural e ruptura penetram-se mutuamente, incluem-se um no outro num fluxo de continuidade e descontinuidade, abrangendo as vozes do passado e do futuro como superação, pelo diálogo na e da diferença.

E, finalmente, os pares íntegro e múltiplo amalgamados na diversidade, como movimento - pulsar interno do movimento espontâneo da vida - fazendo aparecer novos significados comuns

No refletir sobre a Pedagogia da diferença, importa captar um princípio que tudo unifica - religa pela complementaridade e sinergia.

A diferença não é limitação, mas manifestação de riqueza de uma espécie, de um arquetípico. A diferença convoca, pois, para a aceitação e reciprocidade mútua. Os diferentes encontram-se, trocam riquezas e condescem - crescem juntos.

E, assim, poderemos apreciar e desenvolver algumas virtudes, qualidades que o escritor Ítalo Calvino nos coloca como propostas para o terceiro milênio, enquanto virtudes norteadoras de cada um dos gestos de nossa existência.

A primeira virtude colocada por Calvino é a "Leveza", característica importante da materialização e instrumentalização em todas as áreas, pois cada ramo da ciência, em nossa época, parece querer demonstrar que o mundo repousa sobre entidades sutilíssimas, tais como: as mensagens do ADN, os impulsos neurônicos, a informática, com os software, os bits (fluxo de informação que corre pelos circuitos sob a forma de impulsos eletrônicos).

Então pergunto: por que não a "Leveza" nas relações humanas?

Leveza, não só no sentido do sonho, da fantasia, mas também no sentido da determinação das atitudes nas relações com o outro. Relações, como diz Kundera, não como o peso da vida que é a opressão, a intrincada rede de construções públicas e privadas que acabam aprisionando cada existência em suas malhas cada vez mais serradas, mas a Leveza como a afetividade, a cooperação, a solidariedade.

Pensando, também, que iremos ao encontro do terceiro milênio sem esperar encontrar nele nada além daquilo que seremos capazes de levar-lhe.

A Segunda virtude é a "Rapidez", posta, dialeticamente, por Calvino quando diz: 'Apressa-te lentamente'. Que coisa fantástica!

Rapidez do olhar, do pensamento, agilidade, mobilidade, desenvoltura para ver as diferenças, para criar situações também diversas, sem a preocupação com a linearidade, mas com o imprevisto, com as digressões (diferentes vozes do sujeito).

Um olhar de afastamento, que só podemos aplicar a nós mesmos e, assim, podermos inventar formas de agir na relação com o outro, com resultados imprevisíveis.

E a terceira virtude - a "Visibilidade"- olhar a profundidade da aparência, pois é aí que ela está escondida. Não nos interessa olhar somente o que está oculto, mas o que está posto no andar, nos gestos, nas coisas. Olhar a linguagem das coisas, que parte das coisas e retorna a nós trazendo consigo toda carga humana, vivida na experiência existencial concreta, dramática, corpórea que nelas havíamos investido.

Linguagem das coisas, linguagem dos signos (vivemos o mundo dos signos, das representações) de uma situação histórica e cultural; não como monovalência (massa, governo, autoridade), mas plurivalência social.

Linguagem essa, indefinível, indescritível, indecidível nas palavras de Calvino: "Só depois de haver conhecido a superfície das coisas é que se pode proceder a busca daquilo que está embaixo. Mas a superfície das coisas é inexaurível".

E a última virtude - a "Multiplicidade"- do conhecimento, enquanto enciclopédia aberta buscando a heterogeneidade, como fio que ata além dos rótulos.

Olhar o conhecimento além da unicidade, dos rótulos que supõe a homogeneidade que o segue.

Olhar a multiplicidade de compreensão entre os sujeitos, como o envolver-se nas múltiplas redes de relações entre os sujeitos, entre os sujeitos e as coisas - um mergulho nas múltiplas relações.

Olhar o conhecimento em rede. O universo da matéria é visto como uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados e nenhuma propriedade de qualquer parte da teia é fundamental, todas resultam das propriedades das outras partes e é a "Consistência"(virtude que não foi escrita) global de suas inter-relações que determina a estrutura da teia.

Olhar a totalidade, seja ela qual for, potencial, conjectural, múltipla. Totalidade indivisa. Tanto a teoria da relatividade, quanto a teoria quântica implicam na necessidade de olhar o mundo como um todo indiviso, no qual todas as partes do universo, incluindo o observador e seus instrumentos, fundem-se numa totalidade.

No nível subatômico, o mundo da física quântica não consiste de coisas ou objetos isolados, mas é uma teia de interconexões dinâmicas caracterizadas dos mais diferentes processos e num movimento ininterrupto; não há fragmentação e separatividade, é o pensamento do homem que fragmenta a realidade. Esta não é formada de partes, mas são fios que constituem o universo relacional; nós somos parte desses fios. É a totalidade da vida.

A vida não é o "unicum", self dos sujeitos, a descoberta de sua própria verdade, mas sim a infinitude de combinações, combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações e de sonhos.

Cada vida, cada um de nós é uma enciclopédia aberta, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de personalidade, um universo de valor, onde tudo pode ser, continuamente remexido, reordenado de diferentes maneiras possíveis. E, lembrando Calvino, permanecer idêntico a si mesmo é estar morto.

Portanto, um convite a um novo olhar, não é para a unicidade de um "eu pensante", mas para a multiplicidade dos sujeitos, das diferentes vozes, dos diferentes olhares sobre o mundo.

Um olhar de relação, pois estamos na Era das Relações - nova fase da evolução da humanidade.

Sáimos da Era Material, que pressupunha dualismo, divisão, fragmentação, individualismo, ausência de cooperação, compaixão e solidariedade.

A Era das Relações envolve a unicidade com o real, com o eu, a integração homem - natureza, crença na inexistência de partes distintas e o prevalectimento de formas mais elevadas de cooperação entre seres vivos e não vivos. É uma era de autoconsciência, de respeito ao espírito humano e à diversidade cultural.

Que educação queremos nesta fase de desenvolvimento humano?

Uma educação para a Era das Relações requer novos ambientes que privilegiem as novas instrumentações eletrônicas ou "tecnologias da inteligência", voltadas para o desenvolvimento da aprendizagem humana. Esses novos instrumentos, constituídos pelas redes de interfaces, abertas às novas conexões, às novas relações, são imprescindíveis, no que diz respeito ao crescimento e às possibilidades de transformação e utilização.

Elas representam uma teia interligada, um conjunto de nós conectados, em que, de cada nó representado por imagens, sons, gráficos, textos, podem surgir novas

informações geradoras de novos conhecimentos e compreensões constituidoras de outras possíveis redes.

Essas tecnologias influem no desenvolvimento do pensamento e da inteligência, resultam de redes complexas, em que todos os elementos interagem, transformando o meio ecológico no qual as representações se propagam.

O sujeito inteligente nada mais é do que um dos micro - atores de uma ecologia cognitiva, onde o pensamento ocorre como uma rede relacional, na qual neurônios, módulos cognitivos, instituições, línguas, sistema de escrita, livros e computadores se interconectam, transformando e traduzindo as representações.

Os novos ambientes de aprendizagem deverão ser nichos de desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da criticidade, fundamental num mundo em permanente evolução, onde a transitoriedade, o incerto, o imprevisto e a mudança estão cada vez mais evidentes.

Somos seres de relações, seres quânticos.

E é a partir da linguagem que os seres humanos elaboram a reflexão, a consciência e o eu. Por ela, eles constroem o mundo como rede de significados e como habitat com regularidades e com dinamismo, que o fazem adaptar-se e eco - evoluir continuamente. A fala é a maneira de ordenar e dar significação ao mundo.

O mundo é sempre construído com os outros, os seres humanos estão sempre entrelaçados e envolvidos uns com outros numa "rede interativa de significados."

E, para finalizar, eu gostaria de dizer que antevemos para o terceiro milênio a construção de uma nova civilização, cujos eixos articuladores poderão ser: a relação inclusiva, a religação, a complementaridade, a sinergia e a estética, enquanto nos auxilia a unir os fragmentos e a dar sentido às coisas do mundo.

Amigos, lembrando de Leonardo Boff: Tenhamos a coragem de fazer caminho onde não há caminho.

Boa Noite e até outro dia!

Ponta Grossa, 15 de Janeiro de 1999
Prof. Ms Neuza Helena P. Mansani